

Impressões de um viajante estoico: o simbolismo da morte na *Ad Lucilium* *Epistola LXX*, de Sêneca (1-4 a.C. – 65 d.C.)

*Impressions of a Stoic traveller: death symbolism in Seneca's 'Ad
Lucilium Epistola' LXX (01-4 B.C – 64 A.D)*

Luciane Munhoz de Omena*
Dyeenmes Procópio de Carvalho**

Resumo: Viajar é uma atividade constante no cotidiano social. Com frequência, ela envolve diversos elementos, como logística, deslocamento, alimentação, etc. Ao se considerar a Antiguidade, pode-se observar imagens sobre viagens e viajantes em obras de autores como Sêneca e Élio Aristides e, em diálogo com a cultura material, tem-se testemunhos acerca das inscrições de trechos, pontes, itinerários, pavimentações, entre outros elementos. O objetivo deste estudo consiste em analisar dois aspectos da viagem na sociedade romana: primeiro, produzir reflexões sobre as estradas, pois converteram-se em fontes de comunicação e base do poder imperial. Para tanto, o estudo de caso se volta para a *Via Appia*, que conectava Roma a Cápua. A partir daí o segundo aspecto se envereda rumo às viagens filosóficas presentes na *Epístola LXX*, de Sêneca.

Abstract: Traveling is a constant activity in everyday social life. It frequently involves logistics, displacement, food etc. When considering Antiquity, images of travels and travelers in the works of authors such as Seneca and Aelius Aristides can be observed and, in a dialogue with material culture, there are testimonies on the inscriptions of passages, bridges, journeys, pavements, among other elements. This study aims at analyzing two aspects of traveling in the Roman society: first, producing reflections on the roads because they were converted into communication sources and the basis for imperial power. For this purpose, the case study turns to *Via Appia* which connected Rome to Capua. From this point, the second aspect contemplated follows through philosophical voyages presented in the *Letter LXX* by Seneca.

Palavras-chave:

Viagem.
Estradas.
Morte.
Estoico.
Sêneca.

Keywords:

Travel.
Roads.
Death.
Stoic.
Seneca.

Recebido em: 09/08/2021

Aprovado em: 18/10/2021

* Professora associada da Universidade Federal de Goiás. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, mestre em História Social do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas e graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. É integrante do grupo de pesquisa Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo Ibero-Americano, bem como do grupo Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR/GO).

** Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás. Graduado em História pela Universidade Federal de Goiás e em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Viajantes nas estradas romanas

Todos os caminhos levam a Roma, diz uma afirmativa bem conhecida. A expressão assinala não apenas o processo de expansão ocorrido entre os séculos IV ao I a.C., mas a conexão da *Urbs* com o mundo conhecido através das estradas. Comumente denominadas de *uiae*, tornaram-se fontes de comunicação e exercício de poder. Podemos tomar como exemplo Élio Aristides (117-181), orador grego que, em 143, à época do principado de Antonino Pio (138-161), realizou uma viagem à capital do Império. A retórica se incorporou com mais ênfase às práticas sociais de educação no século II, e, como sofista e orador, Élio Aristides produziu reflexões sobre as relações entre viagens e paisagens. Como viajante, adotou a descrição dessas experiências (DIOMIDIS, 2008, p. 143-144). É o que se percebe nas *Orationes* 26, 101, quando, em tom apologético, exaltou a conquista imperial. Segundo sua argumentação, apresentada a Antonino Pio, afirmou:

De fato, agora é possível tanto a um grego quanto a um bárbaro, levando suas possessões ou seus bens, viajar onde se queira com facilidade, como quem se desloca de sua pátria para a sua pátria. Nem os Portões Cilícios causam medo, nem os desfiladeiros e caminhos arenosos que, atravessando a Arábia, se dirigem ao Egito, nem as montanhas inacessíveis, nem a infinita grandeza dos rios, nem as insondáveis tribos bárbaras, basta, então, ser romano para gozar de segurança, ou melhor, ser um dos que estão abaixo de vossa autoridade, conforme o dito de Homero: "a terra é comum a todos". E o conseguistes converter em realidade depois de ter medido todo o ecúmeno, ligastes rios com pontes de todos os tipos, devastastes as montanhas para que fossem aptas para a passagem de carruagens, iluminastes os desertos e, civilizastes toda a terra, com vossa maneira de viver e sua ordem (Élio Aristides, *Orationes*, 26, C, CI).¹

Nesse trecho, Élio Aristides justificou a dominação romana. Esta teria viabilizado um impacto civilizador, já que a superioridade técnica e político-administrativa se reverberou no sistema de construção das estradas. Como acentua Anne Kolb (2019, p. 8), os elogios indicam, ainda, que os habitantes do Império eram os principais beneficiários das estradas. Estes teriam o acesso à infraestrutura, à ordem e à cultura.

Embora o tom seja laudatório, o discurso de Élio Aristides nos permite indicar que as estradas representavam fontes de comunicação (JONG, 2017), pois, como entendemos, a utilização e expansão de suas estruturas possibilitaram a sistematização de novas conexões imperiais. Como resultante, as estradas se tornaram empreendimentos capazes de facilitar a movimentação das pessoas, seja nas viagens, seja para a implantação de tropas (KOLB, 2019, p. 9-10). Intensificadas pelo comércio, pela fundação de colônias e

¹ Para este excerto utilizamos a tradução de Juan Manuel Cortés Copete e de Dyeenmes Procópio de Carvalho a partir do texto original editado por Bruno Keil (1829, p. 121).

pelo deslocamento de tropas, as estradas públicas continham infraestruturas como os aquedutos (*aquaeductus*),² pontes, túneis e *columnae miliariae*. Todas as estruturas aqui mencionadas viabilizavam a locomoção dos viajantes.

Podemos mencionar, mais pormenorizadamente, os marcos que sinalizavam as distâncias entre as cidades. É uma tecnologia imprescindível. Em termos de deslocamentos, as *columnae miliariae* possibilitavam a organização do tempo de viagem.³ Sabemos que as inscrições nas *miliariae*, hoje, se encontram no *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL XVII). Nele, podemos visualizar inscrições contendo informações sobre as milhas e, em especial, comunicações sobre quem financiou a construção das estradas. As vias poderiam receber investimentos de particulares, magistrados romanos, imperadores ou comunidades locais.

Temos uma questão interessante: os marcos possuíam também funções comemorativas que se transformavam em locais de recordação, para usarmos o conceito moderno de Aleida Assmann (2011, p. 42). Significava sobreviver na lembrança das pessoas e, em outras palavras, conseguir perpetuar os feitos. A associação entre as *miliariae* e a fama pode ser vislumbrada, por exemplo, nos estudos de Ray Laurence (1999; 2001), que nos lembra: à época do século II, imperadores como Nerva (96 e 98) e Trajano (97-117) inscreveram nos marcos seus reparos nas estradas,⁴ o que nos leva a pressupor que, em seus planos de governo, haveria uma idealização mais ampla de renovação das

Viae Appia (CIL 6813–14, 6818–20, 6822, 6824–9, 6832– 5, 6839, 6846, 6853, 6859, 6861–3, 6871, 6873, 6877), *Flaminia* (CIL 11.6619–22), *Salaria* (CIL 5947–8), *Tiburtina et Valeria* (CIL 9.5963, 5968, 5969), *Latina Labricana* (CIL 10.6887,

² Alguns trechos das estradas públicas foram financiados por particulares, como, por exemplo, a construção dedicada a *Marcus Dunius Paternus, Ilvir Coloniae Helvetiorum*, que teria, segundo Kolb (2019, p. 6-7), custeado a estrada localizada nas montanhas suíças do *Jura*. Para a estudiosa, *Marcus Dunius Paternus* estaria ligado ao empreendimento madeireiro. Sabemos que tais recursos poderiam constituir fontes de riqueza e de liderança na política local. É até possível que a estrada passasse ao longo de suas propriedades. Ademais, a inscrição, esculpida na rocha, acima da saída norte (KOLB, 2019, p. 3 e 8), continha referência à magistratura de *duumvir*, permitindo, com isso, deduzir que a via teria sido classificada como pública, ou seja, mantida pelo Erário. Temos, portanto, dois empreendedores, um particular e outro público, que se responsabilizavam por sua manutenção.

³ É importante ressaltarmos que os viajantes possuíam itinerários, tendo, portanto, acesso às possíveis rotas. O mais conhecido se chama *Itinerarium Antonini*. Constituído por 225 rotas, mais de 2000 nomes de lugares e suas distâncias. Este manual de viagem oferecia uma visão geral das principais rotas do Império (KOLB, 2019, p. 11). Ainda segundo a autora, o estudo sobre as estradas pode ser pesquisado em fontes arqueológicas, em especial, vestígios encontrados abaixo da superfície, como a topografia e as condições do terreno, bem como as pontes, os túneis, os fragmentos de pavimentos, entre outros mais. Há, igualmente, a presença de inscrições sobre a função e uso da estrada, ofertas votivas e leis municipais sobre a administração (KOLB, 2019, p. 11-13); por fim, narrativas textuais, como, por exemplo, Elio Aristides e Sêneca, entre outras fontes, podem indicar as condições dos viajantes e seus transportes. Para maiores informações, consultar: Laurence (1999; 2001), Talbert (2019) e Mottas (2019).

⁴ Consultar ainda: Mottas, 2019. O estudioso desenvolve discussões sobre os marcos presentes na estrada romana da *Via Egnatia* e da província da Acaia.

6890), *Iulia Augusta* (CIL 5.8102-6) e estendeu à *Domitiana* de *Puteoli* à *Appia* (CIL 10.6926, 6931) (LAURENCE, 1999, p. 47-48).⁵

À vista disso, as colunas de pedras garantiriam aos empreendedores a fama.⁶ A própria estrada, segundo se supõe, representava um monumento de memória, à medida que, aos olhos dos viajantes, o empreendimento marcava um espaço não somente das elites locais e suas comunidades e da identidade romana e seus feitos imortalizados: também a estrada e suas estruturas causavam admiração. O testemunho de Élio Aristides (*Or.*, 26, 100), ainda que seja um dispositivo enaltecendor, acentuava uma marca incomum: viajantes podiam se deslocar por espaços que, até aquele momento, eram considerados inóspitos, tais como os pântanos, que dificultavam as realizações das viagens. Como se evidenciam nas Figuras I, II e III, o espaço permitia o deslocamento de transportes. Na Figura II, por exemplo, observam-se fissuras nas pedras causadas pelo tráfego de veículos de roda na *Via Appia*.

É importante ressaltarmos que o trecho ora apresentado se encontrava nas imediações da *Urbs*. Como resultante, temos, nas laterais da via, vestígios materiais de edifícios funerários (Figura III). Embora não discutamos as necrópoles neste artigo, vale acentuarmos que, em grande medida, os enterramentos romanos se localizavam nas estradas. Tornavam-se locais acessíveis à população; logo, os rituais de sepultamento se transformaram em espaços e locais de recordação, pois, como argumenta Wallace-Hadrill (2008, p. 47), os edifícios e monumentos funerários se convertiam em observatório dos viandantes e, assim, a família e sua memória ganhavam destaque no espaço público.⁷ Abaixo, veem-se as Figuras 1, 2 e 3:

⁵ Vale destacarmos que o site alemão *Berlin-Brandenburgische (Academie der Winssenschaften)*, dispõe do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, em especial os *Miliaria Imperii Romani* (CIL XVII). Nele, há indicação das *Provinciae Hispaniae et Britannia*, *Miliaria Provinciarum Narbonensis Galliarum Germaniarum, Illyricum et Provinciae Europae Graecae, Miliaria Provinciarum Raetiae et Norici* e *Miliaria Provinciae Dalmatiae*. <https://cil.bbaw.de/hauptnavigation/das-cil/baende>. Data do acesso: 08/04/2021.

⁶ Segundo Anne Kolb (2019, p. 15-16), os marcos hoje conhecidos vêm das seguintes regiões: Península Ibérica (*Hispania Citerior*, Bética e Lusitânia), províncias gaulesas e germânicas, região Itálica (Sardenha, Córsega e Sicília), na Ilíria Ocidental (Dalmácia, *Noricum*, *Raetia*), nas províncias dos Balcãs (*Pannoniae*, *Dacia*, *Moesiae*, *Trácia*), nas províncias orientais da Síria, Arábia e Egito, na África do Norte, entre outras regiões.

⁷ Para maiores informações sobre as necrópoles, consultar: Hope (2003), Carroll (2006; 2011(a); 2011(b)), Campbell (2015), Omena (2018; 2020) e Omena e Funari (2020).

Figura 1 - *Via Appia* com a pavimentação original



Fonte: Fotografia de Ann Raia, 2009.

Figura 2 - *Via Appia* – detalhe da pavimentação na qual se evidenciam as fissuras das rodas nas pedras de calcário



Fonte: Fotografia de Ann Raia, 2009.



Figura 3 - Na imagem, temos, em suas laterais, vestígios materiais de túmulos e uma seção repavimentada. Trata-se do parque das tumbas da Via Latina

Fonte: Fotografia de Ann Raia, 2009.

Como se observa na Figura 4, temos a localização e a extensão da *Via Appia*:

Figura 4 - Mapa das *viae* romanas



Fonte: Cláudio J. J. Costa, 2010.⁸

Sabemos que a *Via Appia* compunha uma das estradas públicas do Império Romano. Quando foi projetada, pretendia-se abrir uma rota de acesso à Cápua, região prestigiada da Campânia, ao sul da Itália. Foi construída à época da guerra contra os samnitas, aproximadamente em 312 a.C., e o censor Ápio Cláudio, cujo nome foi dado à via, difundiu pelo menos, duas mensagens: a liderança hegemônica de Roma aos seus aliados e a relação dos plebeus com o censor (LAURENCE, 1999, p. 13). Pretendia-se intensificar as relações entre Roma e as cidades da região, atraindo, por conseguinte, cidadãos que não pertenciam às elites locais.

Para Ray Laurence (1999, p. 15-17), Ápio Cláudio se envolveu em um projeto grandioso e até então inexistente. O censor precisaria, de fato, capitanear um grande contingente de pessoas, à medida que o processo de construção da via envolveria a drenagem do pântano Pontino, os cortes e aterros nas partes montanhosas da região, compactar o cascalho com a largura de oito pés (atividade realizada, pelo menos, até 308 a.C.) e a fundação de cidades de apoio (*e.g. Forum Appii*). Para a *plebs*, a estrada representaria a realização de trocas comerciais, comunicação entre as cidades e a

⁸ A Figura IV foi retirada do seguinte site: <http://espiraisdotempo.blogspot.com/2010/04/arquitetura-romana-via-apia.html?m=1>. Acesso em: 10 abr. 2021.

possibilidade de compor os grupos de lideranças locais, ou seja, tomar frente às decisões e aos privilégios.

A *posteriori*, Propércio (50-02 a.C.) afirmou que a *Via Appia* alcançou um grande triunfo, pois, de acordo com sua argumentação, a pavimentação larga e lisa, composta de ciprestes e pinheiros – em especial a Porta Capena – propiciava uma viagem tranquila e agradável aos viajantes (Propércio, *Elegia*, IV, 15).⁹ Nela, viam-se deslocamentos de tropas, comércio, correspondentes do poder imperial e, ainda, viagens a passeio à região litorânea da Campânia. Cidades como, por exemplo, *Baiae* – na costa noroeste do Golfo de Nápoles – se transformaram em balneários da aristocracia romana. Na *Carta* LVII, 1, Sêneca (04-1 a.C.-65) menciona sua viagem a *Baiae*. Afirma ter retornado a Nápoles e, em tom de lamento, reclama das condições adversas da estrada. Os trechos estavam enlameados, escuros e poeirentos, causando-lhe grandes tormentos (Sêneca, *Ad Lucilium Epistola*, LVII, 02-05).

Diferentemente das vias públicas, os trechos que ligavam pequenas distâncias, com menores incentivos financeiros, às vezes geravam transtornos e ameaças à integridade física dos viandantes. Neste caso, propomos uma singularidade: neste balneário, os visitantes poderiam usar as embarcações. Sendo uma região de lazer, os barcos se tornavam mais aprazíveis. A própria escolha de Sêneca, como podemos observar na *Carta* LVII, deveu-se ao mau tempo, conduzindo-o à via terrestre.

A mesma contestação aparece nas *Epístolas* CXXIII, 1 e LXXXIV, 1. Na primeira, o filósofo se deslocava à sua Vila em Alba e o percurso acidentado o teria deixado exausto. Na segunda missiva, Sêneca exortava Lucílio sobre a relevância dos estudos, em especial, em viagens que os forçavam a sacudir suas “indolências” (Sen., *Ep.*, LXXXIV, 01). Nas três cartas, o olhar de viajante se resvala nas condições das pavimentações: não eram vias públicas. Sêneca escreve:

Estas viagens que me forcem a sacudir a minha indolência são ótimas, acho eu, quer para a minha saúde, quer para os meus estudos. Ótimas para a saúde, é fácil

⁹ A Porta Capena se localizava na saída de Roma, seguida da *Via Appia*. Segundo as narrativas míticas, tratava-se do bosque sagrado onde Numa Pompílio e a ninfa Egéria se encontravam. Segundo Grimal (1993, p. 129-130), “Egéria é uma ninfa de Roma que parece ter sido originalmente uma deusa das fontes ligada ao culto de Diana dos Bosques, região de Nemi. Tinha também um culto na própria cidade de Roma, junto da Porta Capena, no sopé da colina do Célio. Egéria passava por ter sido a conselheira do piedoso rei Numa. Ora é identificada como sua mulher ora como sua amiga e diz a lenda que costumavam encontrar-se à noite. Foi ela quem lhe ditou a sua mensagem política religiosa, ao mesmo tempo que lhe teria ensinado as orações e as fórmulas de conjuro eficazes. Quando Numa morreu, a ninfa, desesperada, tantas lágrimas verteu que foi transformada em fonte”. Observa-se, na *Elegia* III, 70, de Propércio, a carta de Aretusa a Licotas, a qual conclama o retorno de seu esposo do campo de batalha, pedindo que coloque suas armas na Porta Capena. Assim, salvaria o seu tálamo e o seu esposo. Tal como na narrativa de Numa e Egéria, Aretusa e Licotas teriam o seu reencontro em um espaço sagrado.

de ver porque: como o meu amor pela escrita me torna sedentário e descuidado com o corpo, me exercito recorrendo à ajuda dos outros (Sen., *Ep.*, LXXXIV, 01).

Para o filósofo, praticar exercícios físicos seria andar de liteiras. Ser sacudido, ser movimentado pelos escravos que carregavam o veículo. E, façamos um esforço de imaginação: ser levado e, ainda, sobre superfícies esburacadas, devia ser um tanto incômodo. Mesmo em uma situação atípica para o estudo, acrescenta: “não interrompi minhas leituras” (Sen., *Ep.*, LXXXIV, 01). Entretanto, cabia ao escravo a execução da leitura. Na realidade, o esforço de Sêneca estava em se concentrar na voz do seu escravo, tal como andar em liteiras significava se submeter a exaustivos exercícios físicos. Todavia, considerava-se uma prática antinatural andar às costas dos outros (Sen., *Ep.*, LV, 01). Para Sêneca, as liteiras representavam costumes dos afeitos ao luxo. Em seu relato, afirma:

No meu caso, porém, sentia necessidade de dar algum movimento ao meu corpo, seja para expulsar a bile que porventura estivesse obstruindo a minha respiração, seja para expandir o movimento de ar em meus pulmões, ou, por qualquer outro motivo, tornou-se muito denso (Sen., *Ep.*, LV, 01-02).

Na passagem citada, o filósofo justifica o passeio em liteira. Há certa desaprovação social, pois, segundo a sua alegação, seus contemporâneos a usavam como ostentação social. Se observarmos a epístola XXXI, 10, Sêneca os critica e os ironiza: “não será a multidão de escravos que transporta a tua liteira pelos itinerários urbanos ou pelos grandes caminhos”? Para ele, devia-se buscar a superioridade da alma em condições que não se deteriorassem com o tempo. Em cenário de viagem, afirma, em tom de desaprovação:

Se tem de viajar por mar, não provoque tumulto no porto, nem faça com que a escolta de um único viajante encha de estrépito o cais; não tenha à sua volta uma multidão de escravos para que o sustento seja preciso recorrer à fertilidade de regiões além-mar (Sen., *Ep.*, XVII, 03-04).

Na epístola citada, o filósofo acena para as comitivas que acompanhavam aristocratas em suas viagens. Fossem deslocamentos marítimos, fossem terrestres, organizava-se todo o roteiro, incluindo, ainda, os locais de parada. Nas viagens do *princeps* e sua corte, por exemplo, tornava-se essencial a disposição antecipada, já que se devia preparar os suprimentos, as carruagens, os serviços, verificar as contingências do tempo e as condições da estrada, planejar as celebrações e os entretenimentos em cada localidade. O *princeps* se preocupava, ainda, com sua imagem nas viagens, uma vez que as cidades avaliavam a natureza do deslocamento, as condições de suas carruagens

e liteiras, se era acessível e, acima de tudo, se havia sinais de arrogância ou tirania em vez de *auctoritas* (LAURENCE, 1999, p. 141-143).¹⁰

Assim sendo, as viagens se tornavam, claramente, mecanismos de comunicação e exploração dos papéis políticos de governantes e aristocratas locais, os quais, como sabemos, ciceroneavam as comitivas imperiais. Neste sentido, o filósofo explora o apelo simbólico, denunciando, com isso, o comportamento de seus contemporâneos aristocráticos que superpovoavam os portos com seus acompanhantes e escravos (Sen., *Ep.*, XVII) ou estradas e ruas com suas liteiras e comitivas (Sen., *Ep.*, XXXI). Por isso, afirma: “O que são, de fato, estas palavras: cavaleiro romano, liberto e escravo? São nomes derivados da ambição e da injuriosa distinção (Sen., *Ep.*, XXXI, 11). Desse modo, embora as liteiras representassem uma frota frequente nas estradas, deveriam ser usadas, na percepção senequiana, seguindo critérios de saúde (Sen., *Ep.*, LV, 01-02).

Ao se fundamentar em Cícero, Juvenal e Suetônio, Ray Laurence (1999, p. 138-139) indica que o uso de liteira seria inapropriado aos magistrados e aos generais, a menos que estivessem doentes ou viajando sem as obrigações do *officium* ou *negotium*. Contudo, tanto a liteira quanto a carruagem (*raeda* ou *carpentum*) compuseram os cenários das estradas na região itálica. Associadas ao *status* elevado do viajante, transformaram as vias em espaços de negociação e divulgação. As viagens se tornaram, nos termos propostos por Pierre Bourdieu (1989; 1992), uma simbolização com a função de legitimar e justificar o sistema de poder imperial, pois, nesse jogo complexo, imputou uma visão social aos grupos e criou, dessa forma, sentido e consenso aos símbolos de distinção social.

Assim, entendemos que a *Via Appia* e todo o seu complexo arquitetônico permitiram viagens associadas ao prazer, ao descanso, aos estudos filosóficos, aos deslocamentos bélicos, às trocas comerciais, entre outras motivações. Ao observarmos o testemunho de Sêneca, verificamos que entre as *Cartas* XLIX e LVII se apresentam suas impressões de viajante. Por conseguinte, ele sugere aos leitores-ouvintes, em diálogo com seu amigo Lucílio, que a região da Campânia compunha lugares nos quais o viajante poderia descansar, cuidar da saúde e se dedicar aos estudos filosóficos. Explora, ainda, a relação

¹⁰ É relevante ressaltarmos que o transporte dependia dos objetivos do viajante. Isto porque a viagem se atrelava à logística. Como propõe Adams (2001, p. 4-5), é necessário investigar, por exemplo, a logística militar e seus respectivos transportes. Para o estudioso, a Coluna de Trajano devia ser vista como parte da crescente necessidade imperial de anunciar a conquista. Tratava-se de uma propaganda que celebrava a glória de Roma e dos imperadores; entretanto, retratava o controle e a influência romana sobre a terra. A coluna colocava em evidência a primeira representação de transporte militar na arte romana, pois seria imprescindível transmitir aos soldados e aos observadores romanos que a conquista dos povos se atrelava, sobretudo, à parceria deles. Nas análises de Jon Coulston (2001, p. 106-136) acerca dos transportes representados na Coluna de Trajano, aparecem, por exemplo, a mula de carga, carros de boi, vagões de cargas, cavalos, entre outros. Em se tratando de transportes civis, temos a *raeda*, que se trata de uma carruagem que podia carregar pertences ou mercadorias (LAURENCE, 1999, p. 135). Segundo Laurence (1999, p. 136-138), mulheres poderiam, ainda, deslocarem-se em carruagens de luxo denominadas de *carpenta* e associadas às viagens de lazer.

entre viagem e lembranças. Recordar-se de Lucílio ao chegar em Nápoles e Pompeia, despertando, com isso, saudades do amigo (Sen., *Ep.*, XLIX, 01). Vê-se, ainda, a construção de imagens ligada à última viagem, a morte. É o que veremos a seguir.

A vida como uma viagem: imagens de Sêneca na *Ad Lucilium Epistola LXX*

Sêneca, na sua escrita, faz uso de imagens literárias variadas enquanto recurso retórico para transmitir, entre outras coisas, postulados morais. Mireille Armisen-Marchetti (1989, p. 22) esclarece que o uso de metáforas como parte do discurso senequiano não deve ser compreendido à luz do seu sistema gramatical e semântico, mas, sim, filosófico. Ademais, as metáforas nos escritos de Sêneca se situam na esfera das similitudes.¹¹ Embora tal prática retórica fosse algo recorrente entre autores romanos antigos (cf. Cícero, *De Oratore*, III, 155), a originalidade repousa na escolha dos temas abordados pelas metáforas e no uso que cada autor faz delas, sendo esse o caso de Sêneca (ARMISEN-MARCHETTI, 1989, p. 23).

O filósofo emprega metáforas variadas em seus escritos (por exemplo, *De Beneficiis* IV, 30, 3; V, 13, 3; *Consolatio Ad Helviam*, 1, 2; *Naturales Quaestiones*, III, 7).¹² Na *Carta LXX*, a metáfora da vida como uma viagem é central. A partir desse eixo metafórico axial é que outras reflexões filosóficas são entretecidas. Por isso, cabe analisar a elaboração dessa metáfora, cuja importância é destacada já no excerto de abertura da carta:

Após um longo intervalo, visitei a tua [cidade de] Pompeia. Voltei a contemplar a minha juventude; tudo quanto por lá fizera em jovem parecia-me poder ainda fazê-lo, parecia-me tê-lo feito há um instante. Temos vindo a navegar, Lucílio, como se estivéssemos em uma viagem, tal como no mar para citar nosso poeta Virgílio: "Terras e cidades são deixadas para trás". Nesta veloz carreira do tempo que é a vida, vemos sumir-se primeiro a infância, depois a juventude, em seguida o espaço que medeia entre os dois marcos que são a juventude e a idade madura, depois os melhores anos do início da velhice. Finalmente, começa a tornar-se publicamente visível a proximidade do nosso fim como homens (Sen., *Ep.*, LXX, 1-2).

A partir da análise do trecho citado, percebe-se a vinculação da viagem de Sêneca a Pompeia (cidade de Lucílio) com a viagem no tempo em termos da experiência de vida, dividindo-se em infância (*iuvenis*) como o começo, juventude (*adulescentiae*) e maturidade

¹¹ O próprio Sêneca define o seu uso metafórico como pertencendo ao campo da similitude em *De Ben.*, V.13.3: "Certas coisas, mesmo que elas não sejam genuínos exemplos de algo, são cobertas pelos mesmos termos por causa de sua similaridade".

¹² Em *De ben.*, há um uso frequente da metáfora pai-filho. Já na *Cons. Ad Helv.* e em *Nat. Quaest.*, vê-se o emprego de metáforas de âmbito medicinal (o luto sem moderação como uma doença grave e os campos inundados como uma doença que se espalha rapidamente).

(*senem medium*) como o meio e a velhice (*senectutis*) como o fim (*finis*). Partindo dessa noção, o filósofo qualifica essa viagem como veloz carreira (*cursu rapidissimi*). Isso porque, para Sêneca, a vida como uma viagem tem um *cursus* (*De Brevitate Vitae*, II, 2; *Ep.*, XII, 9) que se condiciona ao tempo (BREGALDA, 2004, p. 41).¹³ Por isso, ao navegar no *cursus* da vida, o homem por vezes tem a sensação de que esse curso é lento. Contudo, em outros momentos, se vê impelido a toda velocidade (*Sen.*, *Ep.*, LXX, 4).

É possível inferir também que o filósofo propõe uma reflexão retrospectiva, ou seja, pondera sobre o *cursus* de sua trajetória pessoal nas etapas anteriores a partir da sua senioridade (*Sen.*, *Ep.*, XII, 1, 4; XIX, 2; XXVI, 1).¹⁴ O irromper dessa reflexão é provocado pela proximidade do fim da jornada tal qual um porto em que todos serão forçados a aportar (*Sen.*, *Ep.*, LXX, 1, 3). Sêneca, então, usa retoricamente sua velhice junto a Lucílio, entre outras coisas, para afirmar a sua condição e autoridade (*auctoritas*) para ensinar, pois *non sentio in animo aetatis iniuriam* (não sinto na alma as injúrias da idade, *Ep.*, XXVI, 2).

Para Raymond Starr (1987, p. 223), no artigo *The circulation of literary texts in the Roman World*, quando aspiravam ao prestígio entre a aristocracia, os autores romanos lançavam mão dos vínculos de amizade (*amicitia*) no sentido de obterem a atenção de uma "potencial audiência". Logo, a velhice, como o fim do *cursus*, aparece no discurso de Sêneca para reforçar a importância de sua reflexão filosófica na proposta de um modelo de prática da virtude (*uirtus*), conduzindo ao bom viver (*sed bene vivere*, *Ep.*, LXX, 4).

Outra metáfora ramificada é a da morte como o fim inelutável da viagem (*Sen.*, *Ep.*, LXX, 3, 27). A partir dessa metáfora, outras representações da morte ocorrem, a saber: o ato de abandonar a casa (*domicilium exeundum*, *Ep.*, LXX, 16, 21), a morte como um porto seguro (*Ad Lucilium Epistola*, LXX, 19) e o romper da servidão humana (*servitutis humanae claustra perrumperent*, *Ep.*, LXX, 19). Assim como a opção do navio em que se navega e da casa em que se habita, a forma de morrer é passível de escolha (*Ep.*, LXX, 11). Na carta LXX, o suicídio é apresentado como meio mais comum de se encerrar a viagem. Sêneca emprega *exempla* relacionados ao suicídio: Catão, o Jovem, que abriu com as próprias mãos uma ferida aberta pelo punhal (LXX, 19); um gladiador germânico que enfiou uma vara garganta abaixo (LXX, 20); um homem que se matou usando a roda de uma carroça para quebrar o próprio pescoço (LXX, 23). Maneiras distintas de tirar a própria vida, tendo em comum a decisão de escolha quanto ao instrumento de morte.

¹³ Na *Ep.*, LVIII.22-23, o tempo é metaforizado como se fosse o senhor (*dominus*) desse *cursus* (BREGALDA, 2004, p. 41).

¹⁴ Pierre Grimal (1966, p. 1-35) pensa que a recorrência dessa reflexão está calcada nas adversidades de Sêneca ao longo dos governos de Tibério (14-37), Calígula (37-41), Cláudio (41-54).

O tema do suicídio nas obras e trajetória de Sêneca já foi alvo de extenso tratamento na historiografia (TADIC-GILLOTEAUX, 1963, p. 541-551; GRIFFIN, 1976, p. 367-388; KER, 2009, p. 249-279). Contudo, o interesse aqui é a maneira como o suicídio se insere na metáfora da morte como o fim da viagem. Para tanto, duas observações são pertinentes. Primeiro, a morte por suicídio como meio de alcançar a *libertas* (Sen., *Ep.*, LXX, 14).¹⁵ Dentre as variadas possibilidades de tradução e compreensão da noção de *libertas*, o agir por livre vontade na escolha de ações morais corretas é o uso presente na *Carta* LXX. Isso vale para um cidadão livre, como foi o caso de Catão, o Jovem, bem como para homens de baixa condição (*vilissimae sortis homines*, LXX, 19), que transcendem as limitações de sua servidão e agem de forma digna (Sen., *Ep.*, LXX, 19). Segundo: importa, em grande medida, não prolongar a viagem da vida para torná-la melhor (Sen., *Ep.*, LXX, 12). É preferível escolher, sem hesitação, o punhal, a corda ou o veneno a morrer por tortura (Sen., *Ep.*, LXX, 11), por crueldade dos homens e por doenças (Sen., *Ep.*, LXX, 15). Em resumo, para Sêneca, o fim da viagem, "a nossa morte só de nós depende" (Sen., *Ep.*, LXX, 12).

Em resumo, a viagem da vida, como metáfora para a experiência humana, segue seu *cursus*, lento ou veloz, em direção ao fim inelutável, a morte. Da metáfora inicial e axial, a viagem, Sêneca ramifica seu discurso em duas imagens complementares que se articulam ao longo da *Carta* LXX: a morte, analisada acima, e o tempo.

O sábio e o tempo: a prática virtuosa como percurso da vida

A elaboração da imagem do tempo em Sêneca apresenta uma variabilidade metafórica rica (BREGALDA, 2004, p. 40). Nota-se a recorrência de adjetivações do tempo ao longo das *Ad Lucilium Epistulae*, pois ele é fluido como um rio em seu curso (Sen., *Ep.*, XLIX, 2, 3; XCI, 11), fugaz como um ponto (Sen., *Ep.*, XLIX, 3), inescapável como um abismo (Sen., *Ep.*, XLIX, 3), terrível nas perdas impostas como uma árvore cujas folhas caem (Sen., *Ep.*, CIV, 11), dádiva da natureza para os homens (Sen., *Ep.*, XXII, 15).

Pierre Grimal (1969, p. 93, 94), no artigo *Place et rôle du temps dans la philosophie de Sénèque*, propõe que a exortação de Sêneca a Lucílio nas *Ad Lucilium Epistolae* estabelece uma espécie de "economia severa de seu tempo" por meio da meditação. Isso está posto no trecho seguinte:

¹⁵ Essa palavra, por vezes traduzida como "liberdade", tem uma discussão complexa (KER, 2009, p. 249). Sêneca a usa em sentidos variados (VIANSINO, 1979, p. 168-196). Mas prefere-se a noção *libertas* em Sêneca como o governo de si mesmo, do agir moralmente correto (BRUN, 1966, p. 6; CARDOSO, 1999, p. 229-256).

[...] Tenha em mente de que, mais tarde ou mais cedo, estarás livre da sua companhia [do corpo] e assim sentir-te-ás mais forte quando fores obrigado a partir. Como, porém, terão em mente a vinda do fim estes cujos desejos não têm limites? Nenhuma meditação é tão necessária quanto esta. Entretanto, são ocupados com assuntos que, afinal, talvez sejam supérfluos [...] (Sen., *Ep.*, LXX, 17, 18).

Sêneca, no trecho citado, ressalta a necessidade da reflexão filosófica sobre o tempo a partir da inevitabilidade do próprio fim (Sen., *Ep.*, XXVI, 10). A fim de que o homem não se deixe levar pela voracidade e inevitabilidade do *cursus* do tempo, ele deve escolher moralmente suas ações (GAZOLLA, 1999, p. 165). Nesse sentido, o sábio é aquele que pondera sobre o prolongamento ou encurtamento de sua vida de acordo com o *dever*, pois sempre considera seus atos, onde deve viver e as suas companhias (Sen., *Ep.*, LXX, 5). Esse equilíbrio exigido do sábio lhe permite desfrutar o tempo presente, prescindindo do passado e do futuro, negando esse mover-se ininterrupto da temporalidade cronológica (GAZOLLA, 1999, p. 165). Logo, o sábio é aquele que desfruta do tempo da melhor forma possível; por isso, escolhe quando e como se dará o fim de sua viagem. Ele relembra o passado sem arrependimento e, quando o fim chegar, estará tranquilo (BREGALDA, 2004, p. 48).

Por outro lado, o tolo (*stultus*) é o que se deixa prender na vacuidade dos assuntos supérfluos. Nesses termos, a tolice é como um naufrágio do qual ninguém se salva se mantiver suas bagagens nas costas (Sen., *Ep.*, LXX, 12). Por que muitos naufragam? Porque não conferem valor algum ao tempo e o tratam como algo muito barato (Sen., *De Brev. Vit.*, VIII, 1). Como a travessia é breve e cercada de perigos, os vícios asfixiam o deleite eficaz do tempo (SERRANO, 2018, p. 351, 354). A falta de reflexão filosófica pende o homem aos desejos infundáveis, trazendo-lhe intranquilidade e ansiosa expectativa, pois, para Sêneca, morre-se um pouco a cada dia (GRIMAL, 1969, p. 97). A fragilidade do homem face ao tempo é contornada pelo exercitar-se na filosofia; a possibilidade de viver em consonância à natureza nessa “não-temporalidade [...] permanentemente presentificada (GAZOLLA, 1999, p. 131).

Assim, ao elaborar essas percepções sobre o tempo, Sêneca procura criar no interlocutor a necessidade de filosofar (GRIMAL, 1969, p. 100; BREGALDA, 2004, p. 47). Esse interlocutor idealizado nas *Ad Lucilium Epistulae*, em um primeiro plano, é Lucílio.

Lucílio: o discípulo idealizado da viagem

Lucílio é, nas *Ad Lucilium Epistolae*, mais do que um destinatário real se correspondendo com o filósofo. Ele assume o papel de um personagem ativo evocado

para o diálogo com Sêneca, algo comum também nos tratados dos quais é destinatário (GRIFFIN; INWOOD, 2001, p. 11).¹⁶ Lucílio assume, nessas cartas, o papel do discípulo idealizado na trajetória da reflexão filosófica (Sen., *Ep.*, XXIII, 3). Da mesma forma, Sêneca se coloca como mestre, conduzindo seu discípulo na viagem do aprendizado da virtude (Sen., *Ep.*, XXXV, 1, 2). A partir da elaboração dessas duas personagens, o filósofo emprega a metáfora da luta para representar o caminho do exercício moral:

Sei que tens muito ânimo. Mesmo antes de começarem a aprender os nossos preceitos, tão salutares e tão capazes de nos fazer vencer as situações mais duras, já te comprazias em fazer face à fortuna. Muito mais agora depois que iniciaste com ela a luta corpo a corpo e experimente as tuas próprias forças quando aqui e ali deparamos com várias dificuldades, sobretudo, quando uma vez por outra nos atingirem de perto (Sen., *Ep.*, XIII, 1).

No excerto citado, a luta aparece como uma metáfora para a vida de aprendizado dos preceitos morais. Segurado Campos (2004, p. 164) compreende que, para essa metáfora, Sêneca emprega várias imagens do contexto militar. Por isso, essa viagem é comparada a um treino rigoroso (Sen., *Ep.*, XXXVI, 9) para o qual são necessárias várias armas (Sen., *Ep.*, XLVIII, 10) e firmeza diante da tortura, como uma sentinela que mantém seu posto face a um ferimento (Sen., *Ep.*, XXXVI, 9). Logo, essa luta demanda uma disciplinarização do aprendizado gradativo numa conjunção de ações, como, por exemplo, "a aconselhar, a ensinar, a ouvir e a aprender, a investigar e a lembrar" (*suadebis docebis, audies discas, quaeres recordarebis*, Sen., *Ep.*, LXXVIII, 20).

Junto às exortações positivas, contudo, Sêneca tece recomendações de prevenção aos empecilhos durante o percurso do ensino da prática virtuosa. Lucílio, ao navegar no *cursus* da vida, não deveria ter "[...] alegria em coisas vãs [...]" (Sen., *Ep.*, XXIII, 3). Claro, nesse caso, o filósofo atribui aos vícios e desejos vãos uma adjetivação metafórica negativa como sendo impedimentos ao transcurso da viagem (Sen., *Ep.*, XVI, 9). Nesse sentido, o aprendizado deveria se abster de inutilidades, pois o tempo é escasso (Sen., *Ep.*, XLVIII, 12). Em suma, por meio da prática dos prudentes juízos, Lucílio poderia viver e morrer bem (Sen., *Ep.*, XVII, 5). Contudo, esse não era o único objetivo do *cursus* do aprendizado.

Outra possível vinculação entre Sêneca, como mestre exemplar, e Lucílio, como discípulo idealizado, é a relação de amizade (*amicitia*). Richard Saller (2002, p. 122), na obra *Personal patronage under the Early Empire*, sugere que o sucesso de um aristocrata romano, ou mesmo sua sobrevivência, poderiam depender da influência dos seus amigos e patronos. Por isso, era comum ver a participação de amigos (*amici*) e aliados

¹⁶ Lucílio aparece como destinatário de *De Beneficiis* (I, 1, 1), e de *De Providentia* (I, 1).

das províncias na troca de favores, presentes e valores como tentativa de garantir a generosidade num eventual ressarcimento ou apoio político. Vale lembrar que Lucílio era rico, vivendo, segundo Sêneca, com liberalidade (Sen., *De Ben.*, V, 1, 3-5) (GRIFFIN; INWOOD, 2011, p. 3). O excerto seguinte reflete bem esse quadro:

Quando te rogo com insistência ao estudo da filosofia, estou trabalhando em meu interesse: é que eu pretendo ter um amigo, e não poderei consegui-lo se tu não continuares a cultivar-te como tens feito. Neste momento, tens estima por mim, mas ainda não és meu amigo. “Quer dizer? Então uma coisa não implica a outra?” Não são mesmo coisas muito diferentes, porque, se a amizade é sempre proveitosa, o amor pode por vezes ser nocivo. Se outra razão não houver, continua a progredir pelo menos para aprenderes a amar. Apressa-te, pois enquanto podes ser-me proveitoso, não vá a tua aprendizagem redundar em benefício de outro qualquer! (Sen., *Ep.*, XXXV, 1, 2).

É possível inferirmos que amizade e benefício se imbricavam na complexa rede de relações e interesses políticos. Novamente, Raymond Starr (1987, p. 213-215) é pertinente ao mostrar que, em geral, a circularidade de textos literários no mundo romano se dava a partir de círculos concêntricos, começando pelos amigos do escritor até alcançar pessoas desconhecidas. Assim, parece razoável supor que uma relação de *amicitia* entre Sêneca e Lucílio, na qual o primeiro atua como mestre e o segundo como aprendiz, seria conveniente para obter o prestígio da reflexão filosófica estoica de atuação política junto à audiência das cartas. Além disso, considerando que, ao longo das cartas, Sêneca e Lucílio são representados em constante movimento, tal deslocamento por várias cidades e províncias tinha em vista chamar a atenção de aristocratas dessas regiões para o ensino filosófico pautado no estoicismo.

Pierre Hadot (2014, p. 222) alerta que, no período imperial, ensinar filosofia também significava ensinar um modo de vida. Logo, a representação de Lucílio que alcançaria outros aristocratas – a de discípulo em viagem –, seria, para Sêneca, no mínimo interessante. Portanto, a metáfora da viagem se ajustava muito bem ao desejo do filósofo de se dirigir e se fazer reconhecido entre a sua audiência.

À vista disso, Sêneca, a partir da metáfora axial da vida como uma viagem, emprega um conjunto de metáforas auxiliares como recurso de imagem literária capaz de adensar e transmitir acepções, preceitos e valores com vistas à consecução de seus múltiplos propósitos por meio das *Ad Lucilium Epistulae*. Não sem razão, várias das temáticas tratadas neste estudo estão entretecidas em trechos curtos e emblemáticos, como, por exemplo: “Estás enganado se pensas que apenas numa viagem por mar é mínima a distância entre a vida e a morte; em qualquer lugar o espaço que as separa é igualmente diminuto” (Sen., *Ep.*, XLIX, 11).

Conclusão

Logo, à luz das reflexões aqui empreendidas, as viagens se apresentam como um objeto polifônico e profícuo de estudo por sua inserção como elemento da economia, política, religião da sociedade romana. As *viae* romanas, que possibilitavam o tráfego de viajantes, eram espaços de comunicação, exercício de poder, memória local. Além disso, por meio delas, houve a sistematização do trânsito de tropas, intensificação do comércio entre Roma e as províncias, bem como possibilitaram que as conexões imperiais permeassem um vasto e variado território com suas especificidades topográficas e geográficas. A *Via Appia* era uma das *viae* mais importantes por sua extensão, estrutura e recorrência nas fontes textuais e materiais disponíveis. Embora o tratamento de outras *viae* fuja ao escopo do presente artigo, pesquisas futuras podem expandir essa rica temática das viagens em outros territórios do vasto Império Romano.

Ademais, tal era a importância das viagens no mundo romano que vários autores elaboraram tópicos de reflexão filosófica se valendo de metáforas extraídas do trânsito nas *viae*. O presente texto trabalhou algumas formulações filosóficas de Sêneca matizadas na construção de uma imagem literária da viagem. Tais ponderações senequianas sobre a morte, o tempo e o ensino mostram a envergadura do espectro frutífero das viagens como objetos de análise. Essas impressões de Sêneca, como um viajante estoico, indicam a perenidade dos deslocamentos para a concretude do cotidiano e a reflexão filosófica da aristocracia romana.

Vale salientar que tanto nos postulados filosóficos quanto nos vestígios materiais, cidadãos não pertencentes às elites estão presentes nos deslocamentos pelas *viae*. Isso está, por exemplo, posto no tratamento metafórico das viagens na *Ad Lucilium Epistula LXX*. Logo, estudar as viagens significa compreender a dinâmica e a complexidade da sociedade romana no constante movimento de sua comunicação, organização e mobilização.

Agradecimentos

Agradecemos aos professores Gilvan Ventura da Silva e Thiago E. A. Mota pelo convite, pela elaboração do dossiê e pelos constantes diálogos e trocas de ideias. Mencionamos o apoio institucional da UFG e Capes. A responsabilidade pelas ideias se restringe aos autores.

Referências

Documentação textual

- ARISTIDES. *Discursos*. Introducción, traducción y notas de Juan Manuel Cortés Copete. Madrid: Gredos, 1997. 4 v.
- ARISTIDES. *Quae supersunt omnia: Orationes XVII-LIII*. Edited by Bruno Keil. Berlin: Berolini, 1898. v. II.
- CICERO. *On the ideal orator*. Translated by James May e Jakob Wisse. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- PROPERTIUS. *Elegies*. Translated by H. E. BUTLER. Harvard: Harvard University Press, 1929.
- SÉNÈQUE. *Lettres a Lucilius*. Traduit par M. M. A. Grandsagne; Baillard, Charpentier, Cabaret-Dupaty; Charles du Razoir; Héron de Villefosse; Naudet, C. L. F. Panckoucke, E. Panckoucke ; De Vatimesnil, A. De Wailly etc. Paris: Les Belles Lettres, 1833. t. I.
- SÉNÈQUE. *Lettres a Lucilius*. Traduit par MM. A. Grandsagne; Baillard, Charpentier, Cabaret-Dupaty ; Charles du Razoir; Héron de Villefosse ; Naudet, C. L. F. Panckoucke, E. Panckoucke ; De Vatimesnil, A. De Wailly etc. Paris: Les Belles Lettres, 1834. t. VI-VII.
- SÉNÈQUE. *Cartas a Lucílio*. Tradução de J. A. Segurado Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- SÉNÈQUE. *The complete works of Lucius Annaeus Seneca: on benefits*. Translated by Miriam T. Griffin and Brad D. Inwood. Chicago: The University of Chicago Press, 2011.
- SÉNÈQUE. *Moral essays: De Consolatione ad Marciam, De Vita Beata, De Otio, De Tranquillitate Animi, De Brevitate Vitae, De Consolatione ad Polybium, De Consolatione ad Helviam*. Translated by John W. Basore. Harvard: Harvard University Press, 1932. v. II.

Obras de referência

- ERNOUT-MEILLET. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Kincksieck, 2001.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GRIMAL, P. *Dicionário da Mitologia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- OXFORD LATIN DICTIONARY. Oxford: Oxford University Press, 1968.
- SARAIVA, F. R. S. *Novissimo diccionario Latino-Portuguez: etymologico, prosodico, historico, geographico, mythologico, biographico, etc*. Rio de Janeiro: B. L. Garner, 1967.

Obras de apoio

- ARMISEN-MARCHETTI, M. *Sapientiae facies: Étude sur les images de Sénèque*. Paris: Les Belles Lettres, 1989.
- ASSMANN, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- ADAMS, C. Introduction. In: ADAMS, C.; LAURENCE, R. (ed.). *Travel and geography in the Roman Empire*. London/New York: Routledge, 2001, p. 1-7.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BREGALDA, M. M. Tempus em Sêneca: abordagem de um conceito-chave. *Phaos*, n. 4, p. 39-57, 2004.
- BRUN, J. *Les stoïciens*. Paris: PUF, 1966.
- CAMPBELL, V. L. *The tombs of Pompeii: organization, space, and society*. New York: Routledge, 2015.
- CARROLL, M. 'Memoria' and 'damnatio memoriae'. Preserving and erasing identities in Roman funerary commemoration. In: CARROLL, M.; REMPEL, J. (ed.). *Living through the dead burial and commemoration in the Classical world*. Oakville: The David Brown Book Company, 2011, p. 65-90.
- CARROLL, M. *Spirits of the dead: Roman funerary commemoration in Western*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- CARROLL, M. 'The mourning was very good'. Liberation and liberality in Roman funerary commemoration. In: HOPE, V. M.; HUSKINSON, J. (ed.). *Memory and mourning: studies on Roman death*. Oxford: Oxbow books, 2011, p. 126-149.
- COULSTON, J. Transport and travel on the Column of Trajan. In: ADAMS, C.; LAURENCE, R. (ed.). *Travel and geography in the Roman Empire*. London: Routledge, 2001, p. 106-137.
- DIOMIDIS, A. P. The body in the landscape: Aristides' corpus in light of the sacred tales. In: HARRIS, W. V.; HOLMES, B. (ed.). *Aelius Aristides between Greece, Rome and the Gods*. Boston: Brill, 2008.
- CARDOSO, I. T. Aspectos da liberdade em *As Troianas* de Sêneca. *Letras Clássicas*, n. 3, p. 229-256, 1999.
- GAZOLLA, R. *O ofício do filósofo estoico: o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Loyola, 1999.
- GRIFFIN, M. T. *Seneca: a philosopher in politics*. Oxford: Clarendon Press, 1976.
- GRIMAL, P. *Sêneca, as vie, son oeuvre, avec un exposé de sa philosophie*. Paris: PUF, 1966.

- GRIMAL, P. Place et rôle du temps dans la philosophie de Sénèque. *Revue de Études Anciennes*, Tome XX, p. 100, 1969.
- HADOT, P. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 2014.
- HOPE, V. M. Remembering Rome. Memory, funerary monuments and the Roman soldier. In: WILLIAMS, H. (ed.). *Archaeologies of remembrance*. New York: Springer Science, 2003, p. 113-140.
- JONG, L. *The Archaeology of death in Roman Syria: burial, commemoration and Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 102-146.
- KER, J. *The deaths of Seneca*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- KOLB, A. *Via ducta* – Roman road building: an introduction to its significance, the sources and the state of research. In: _____. (ed.). *Roman roads*. Berlin: New Evidence, 2019, p. 3-21.
- LAURENCE, R. *The roads of Roman Italy: mobility and cultural change*. London: Routledge, 1999.
- LAURENCE, R. The creation of Geography. An interpretation of Roman Britain. In: ADAMS, C.; LAURENCE, R. (ed.). *Travel and geography in the Roman Empire*. London: Routledge, 2001, p. 67-95.
- MOTTAS, F. Du premier milliaire au dernier palimpseste: cinq siècles et demi de présence romaine em Grèce. In: KOLB, A. *Roman roads*. (ed.). Berlin: New Evidence, 2019, p. 272-302.
- OMENA, L. M. Entre brincadeiras e homenagens: a experiência social infantil em *Isola Sacra* (séculos I e II d.C.). *Romanitas*, n. 16, p. 1-19, 2020.
- OMENA, L. M. As tessituras da morte: reflexões sobre a necrópole de *Isola Sacra*. In: SILVA, G. V.; SILVA, É. C. M.; NETO, B. M. L. (Org.). *Usos do espaço no mundo Antigo*. Vitória: GM, 2018, p. 190-218.
- OMENA, L. M.; FUNARI, P. P. A. A recordação funerária na *Isola Sacra*. In: CARVALHO, M. M.; OMENA, L. M. (org.). *Narrativas e materialidades sobre a morte nas Antiguidades Oriental, Clássica e Tardia*. Curitiba: CRV, 2020, p. 235-256.
- SALLER, R. P. *Patronage under Early Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- SALWAY, B. Travel, *itineraria* and *tabellaria*. In: ADAMS, C.; LAURENCE, R. (ed.). *Travel and geography in the Roman Empire*. London: Routledge, 2001, p. 22-66.
- SERRANO, L. C. A. H. Séneca medita sobre el tiempo. *Ecclesia*, v. XXXII, n. 3, p. 351-369, 2018.
- STARR, R. J. The circulation of literary texts in the Roman World. *The Classical Quarterly*, v. 37, n. 1, p. 213-223, 1987.

- TADIC-GILLOTEAUX, N. Sénèque face au suicide. *L'Antiquité Classique*, n. 32, p. 541-551, 1963.
- TALBERT, R. T. Roads in the Roman World: strategy for the way forward. In: KOLB, A. (ed.). *Roman roads*. Berlin: New Evidence, 2019, p. 22-34.
- WALLACE-HADRILL, A. Housing the dead: the tomb as house in Roman Italy. In: BRINK, L.; GREEN, D. (ed.). *Commemorating the dead: texts and artifacts in context*. New York: Walter de Gruyter, 2008, p. 39-77.
- VIANSINO, G. Studia Annaeana II. *Vichiana*, n. 8, p. 168-196, 1979.